

A força evangelicamente transformadora da Amizade desde as origens...

O exemplo que atrai

O exemplo de Paula não tardou a influir salutarmente em toda a aldeia; mas as jovens, de modo especial, fixando-se naquele modelo de virtude, começaram a corrigir-se dos seus defeitos, a despojar-se da vaidade, a frequentar os Sacramentos, a levar vida retirada e edificante. As mais fervorosas desejavam ardentemente aproximar-se da Senhora Paulinha; mas a que mais ansiava falar-lhe era uma certa Mariana Danero. Ela própria, mais tarde, costumava contar-nos como conseguiu o seu intento... . (Memórias - Sommariva, pp. 15-16)

Uma conduta tão edificante, tão fora do comum naquela terra, atraiu sobre a Senhora Paulinha a admiração e a estima daquela gente, mas sobretudo de algumas boas jovens, que, não estando já em idade de ir à doutrina nem à escola, ansiavam por se aproximar dela, ouvi-la falar, conhecê-la intimamente. Mas, não seguindo ela o uso comum existente naqueles meios rurais de sair pela tardinha a tomar o fresco na rua ou sentadas na soleira da porta (por vezes fazendo algum trabalho de mãos) a ver quem passa, a cantarolar, a tagarelar com as vizinhas sobre o que acontece na aldeia, sobre factos próprios e alheios, e, pelo contrário, estando sempre retirada em casa, quando não estava na escolinha ou na igreja, tornava-se-lhes bastante difícil conseguir satisfazer o seu piedoso desejo. (Memórias – Vassallo, pp. 67-68)

(...) Seja verdadeira missionária nessa casa e nesse País; pregue muito com o bom exemplo e pouco com as palavras; estude muito, muito o Coração Santíssimo de Jesus, para aprender a praticar bem todas as virtudes C 708,8

... Recomendo-lhe muito, muito a presença de Deus, o santo recolhimento e a pregação eficacíssima do bom exemplo, o que suprirá as instruções fervorosas que, por agora, não terão possibilidade de ouvir essas boas Irmãs. C 681, 4

Não deixemos de aprender bem e de praticar a importantíssima lição que Jesus Cristo nos deu: praticarmos nós primeiro tudo aquilo que queremos ensinar a praticar aos outros. O Filho de Deus, Sabedoria infinita, querendo extirpar do mundo o vício e arraigar nele as suas virtudes, primeiro exercitou-as Ele próprio durante trinta anos, e só depois as pregou e inculcou aos outros. Façamos nós o mesmo C 98,3

E desde aquele momento sentiram-se unidas por um laço de afectuosa e santa amizade

[Mariana Danero]: Ela apareceu-me naquele momento como uma visão celeste, um não sei quê de sobre-humano. O seu porte, as suas palavras, a amabilidade com que nos acolheu fizeram-me experimentar uma satisfação que não poderei explicar por palavras. Mas a minha alegria chegou ao auge quando, dizendo-lhe a minha irmã que eu desejava vivamente falar-lhe e estar algumas vezes com ela, respondeu amavelmente, voltando-se para mim: 'Pois sim, venha todas as vezes que quiser, que me dará sempre muito prazer. Se gostar, nos dias

festivos, depois das cerimónias da igreja, iremos juntas para os bosques vizinhos e falaremos um pouco do Senhor. Fica contente?’

No domingo seguinte, depois do Catecismo e da Bênção, Paula encontrou-se com a nossa Mariana e, segundo o combinado, dirigiram-se ambas para o monte Moro, onde, sentadas na erva, diante dum espectáculo maravilhoso de natureza e de arte, deram início às suas santas conversas. O mesmo fizeram no domingo seguinte e em muitos outros. Certa vez, levantando os olhos para uma pequena colina, Paula viu um grupo de jovens com os olhos fixos nela. «Quem são aquelas jovens?» – perguntou à Mariana. «São algumas companheiras minhas, muito desejosas também de a conhecer e tomar parte nas nossas conversas». «Chame-as» – continuou Paula. E aquelas jovens, felizes, num abrir e fechar de olhos puseram-se todas à volta daquela que já amavam com respeitoso amor. Paula acolheu-as com afabilidade, animou-as, convidou-as a sentarem-se, e mesmo a irem visitá-la na Casa Paroquial, todas as vezes que desejassem falar a sós com ela. E desde aquele momento sentiram-se unidas por um laço de afectuosa e santa amizade.

Todos os domingos, todos os dias festivos, ali estava aquele grupo feliz de jovens a deliciar-se com as belezas da natureza e a revigorar o espírito por meio de boas leituras, santas conversas, cantos melodiosos de louvores a Deus e à sua Santíssima Mãe. E, assim, os frondosos bosques e as ridentes colinas de Quinto tornaram-se para aquelas jovens uma verdadeira escola de perfeição. Pouco a pouco os seus corações iam-se esvaziando das coisas mundanas e em seu lugar Deus lançava, como fizera no coração de Paula, o gérmen de uma vida mais perfeita. (Memórias - Sommariva, pp. 16-17)

Pia Obra de Santa Doroteia:

Caridade fraterna/ Ganhar os corações/ Ser anjos da guarda...

Sendo a Pia Obra correcção fraterna, as pessoas que a ela se dedicam não devem usar modos ásperos e castigos, nem reivindicar direitos e autoridade, mas usar boas maneiras e avisar com caridade fraterna. (Const. 1851, 209)

Finalmente, com a oração fervorosa, com um exterior edificante, composto e modesto, proveniente da mortificação interna das paixões e da paz de coração, com modos suaves, afáveis e cativantes, procurarão, segundo a graça que Deus lhes comunicar, ganhar os corações das meninas e de todas as pessoas empenhadas na Pia Obra, e orientá-los inteiramente para Aquele para Quem foram criados. E estejam bem convencidas de que deve ser esta uma nota característica do Instituto: quem tratar uma vez com as Irmãs tenha o desejo de as encontrar de novo. Consegui-lo-ão mais facilmente se tiverem impressa na mente e no coração aquela importantíssima lição ensinada pelo Divino Mestre, mais com o exemplo do que com palavras: *Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração.* (Const. 1851, 238)

As Cooperadoras devem servir-se sobretudo dos encontros ocasionais, que acontecem naturalmente no meio ambiente, para se darem conta do estado de espírito das juvenzinhas, para entrarem no seu coração e tornarem-se, pouco a pouco, seus anjos da guarda.

Todas são chamadas a nunca perder de vista as suas protegidas, que podem e devem considerar como a pupila dos seus olhos.

As Cooperadoras ... devem:

- Persuadir-se que o bom êxito da Obra, mais do que das suas admoestações, depende do seu bom exemplo;
- Nas admoestações, deixar transparecer candura, singeleza, carinho e sobretudo humildade, mostrando que o que as move a corrigir é só o espírito de caridade e nenhuma outra coisa;
- Ocupar-se indiferentemente de todas as jovens;
- Adaptar-se à diversidade de carácter e das inclinações das jovens;
- Reflectir em certas circunstâncias difíceis se será melhor fazer uma correcção ou omiti-la;
- Evitar tudo o que possa tornar desagradável a correcção e especialmente o que possa aparecer como singularidade ou devoção afectada. (Dialogo sulla Pia Opera di Santa Dorotea, Genova 1861)

A amizade em chave bíblico-teológica

Diferença entre amor e amizade: O amor obriga, limita a um rosto, à humildade do que está ao alcance da mão. Na amizade, não há constrangimento nem domínio. O amor é comunicação plena de si, é dom e envolvimento total; na amizade, a distância é o que permite o revelar-se de um ao outro.

A amizade é um passar: Chega um momento em que os amigos se despedem e cada um vai para sua casa, mas isto não é um drama para a amizade. O essencial permanece intacto mesmo na distância.

Moisés o amigo de Deus: Moisés e Deus, amigos; relação frontal que indica proximidade e reciprocidade, a possibilidade do divino que fala uma linguagem humana. Quando Moisés vai à procura de Deus sabe que vai encontrá-l'O, quando Deus fala a Moisés sabe que vai ser escutado. A luz de Deus torna Moisés luminoso. Deus não enganou Moisés, é possível estar diante do **inacabado** da nossa vida de maneira pacificada. Moisés **morre como tinha vivido**, dentro daquele diálogo solitário e contínuo com a Voz que o tinha chamado da sarça ardente. A maior gratuidade que o profeta, o amigo vive é a distância da terra prometida, o poder vê-la sem a alcançar. O preço da gratuidade do profeta é manter viva para todos a distância entre terra e promessa. É na distância que se acende a vida, é nela que se alimentam os desejos e os grandes sonhos. Moisés morreu segundo a ordem do Senhor, pela boca do Senhor, beijado por Deus, o seu último suspiro recolhido pela boca de Deus, do seu amigo.

O repouso da amizade: Marta, Maria e Lázaro. Betânia, um lugar para repousar, para amar, para chorar, para saudar-se. Betânia é um lugar onde Jesus passa, permanece com os seus amigos e parte de novo. Para Jesus, Betânia representava uma pausa de normalidade, uma paragem, um refrigerio. Podemos imaginar aqueles lugares, aquelas casas onde nos sentimos verdadeiramente *em casa*, em que podemos dizer, diante da hospitalidade dos outros, que

finalmente chegámos. *Betânia* indica-nos a importância das relações de amizade na vida de cada ser humano. *Betânia* mostra-nos como é importante na nossa vida saber fazer da amizade, das nossas relações, um lugar de repouso. O silêncio de Lázaro está ao serviço de todas as relações de afecto que soube tecer.

O Espírito: A experiência da amizade com Deus que floresce em intimidade com Ele. E no entanto esta íntima amizade segundo o Espírito não sabemos de onde vem nem para onde vai, proximidade e distância, familiaridade e diferença. O Espírito não abandona, mas também não se fixa, não se fecha, está sempre noutra lugar. A relação de amizade é o terceiro, o terceiro que evita a fusão, garante a diferença, obriga a uma relação aberta e descentrada.

Chamei-vos amigos – última ceia, ceia do único contacto físico narrado entre Jesus e os discípulos, o corpo não está livre da amizade; é significativo que o gesto seja acompanhado da decisão de dar a vida. Jo 15,12-15. Só a palavra amigo descreve os que seguem Jesus.

Pedro, és meu amigo? Sim, Senhor, sabes que te amo como posso, com um amor frágil e incompleto... Jesus não pede a Pedro o que ele não pode dar. O amigo sabe adaptar-se à nossa pobreza.

O hoje da amizade – mística do quotidiano – hoje é uma das indicações temporais mais frequentes nos evangelhos, indica a urgência e a iminência do que está para acontecer; a amizade não vê só o hoje, mostra-se aberta ao que está para acontecer.

Comer juntos e amar a imperfeição – para nos curarmos da imagem de Deus inalterável, invisível, asséptico... tudo desaba se O imaginarmos numa cozinha, enquanto se prepara o peixe, as brasas, enquanto come à mesa com os amigos... é necessário ir para além da banal perfeição. Na amizade, a imperfeição é o que nos permite recomeçar sempre, compreender o impacto do tempo na vida do outro, acolher a sua imperfeição e a sua humanidade.

O Evangelho da alegria e do sobressalto – festa e tempo gratuito, Deus viu que tudo era muito bom e parou. A amizade tem a ver com a suspensão, com um espaço-tempo para a alegria e a festa, onde caminhamos, nos encontramos, nos preparamos não para ganhar algo, mas para ir gratuitamente ao encontro do outro.

Só o amigo pode trair – a traição não é só uma ferida, é um golpe no mais profundo da existência; só pode trair quem ama. A traição é a violação unilateral do pacto de amizade.

Não há amor maior: entregar a vida pelos amigos. O amigo é aquele que já não é estranho, mas próximo. A realização plena do amor é a amizade capaz de dar gratuitamente a vida.

Eis que estou à porta e bato: O amigo sabe bater à porta e esperar antes de entrar.